

Paralelo entre a relação professor-aluno e a relação médico-paciente

A comparison between teacher-student and physician-patient relations

Alexandre do Canto, Carmen Lúcia Machado, Waldomiro Carlos Manfroi

O presente ensaio pretende traçar um paralelo entre a relação que o professor estabelece com seus alunos e aquela que o médico estabelece com seu paciente. As reflexões expostas baseiam-se essencialmente em discussões e simpósios sobre o ensino médico e a prática docente em Medicina. Tomo como substrato teórico a obra dos canadenses Maurice Tardif e Clermont Gauthier, bem como a do brasileiro Paulo Freire.

O trabalho sobre o outro

De acordo com Tardif e Lessard, “o trabalho sobre e com os seres humanos (...) leva antes de tudo a relações entre pessoas, com todas as sutilezas que caracterizam as relações humanas” (1). Segundo o sociólogo canadense Erving Goffman, citado pelos mesmos autores, tais sutilezas incluem os processos de instruir, supervisionar, servir, ajudar, entreter, controlar, etc.

De acordo com essa ideia, o trabalho que tem por objeto outro ser humano difere do trabalho sobre um objeto material em alguns aspectos fundamentais:

1. O objeto do trabalho não é um ser inanimado, mas uma pessoa dotada de personalidade, pensamentos e emoções. Nesse sentido, o trabalho deixa de ser unilateral e passa a ser uma interação entre o trabalhador e o objeto.

2. O trabalho precisa contar com a emergência de sentimentos contraditórios, questões de poder e conflitos de valores tanto no trabalhador quanto no objeto.

Tardif e Lessard identificam claramente esses aspectos na atividade docente: o professor, supostamente depositário do conhecimento, tem como meta de trabalho transmitir esse conhecimento (ao menos em concepções de ensino mais tradicionais). Nessa atividade, ele se depara com outro ser humano, o aluno, que é o seu objeto de trabalho. O professor necessita respeitar os pensamentos,

sentimentos e valores de seu aluno, ao mesmo tempo em que conduz seu trabalho. Aliás, pode-se dizer que tais atitudes são parte do próprio trabalho. Ao mesmo tempo, ele precisa identificar os seus próprios sentimentos, pensamentos e valores (que emergem durante a relação) e aprender a trabalhar com eles a fim de que não prejudiquem o aluno e o processo.

Ora, não é exatamente o que aprendemos a fazer com nossos pacientes enquanto médicos? Ao mesmo tempo em que visamos atingir nossa meta última, qual seja, a promoção e a manutenção da saúde, devemos sempre ter em mente que lidamos com outro ser humano, no caso, o paciente. Este paciente deve ter sua psique respeitada na condução do processo saúde-doença, da mesma forma que o aluno deve ser respeitado como parte ativa no processo de construção do conhecimento. Simultaneamente, é necessário que identifiquemos as reações que surgem tanto da parte de nosso paciente quanto da nossa própria. Tais reações foram classicamente definidas pela Psiquiatria nos conceitos de transferência e contra-transferência. Abstraindo-se esses nomes, os mesmos conceitos podem ser identificados e trabalhados na relação professor-aluno.

A relação de poder

Nas concepções mais tradicionais de ensino, o professor é o detentor do conhecimento, ao passo que o aluno é encarado como o “jarro vazio” que será preenchido com aquele conhecimento. Nesta concepção, o processo de ensino é unilateral: o conhecimento é “derramado” pelo professor, que de bom grado concorda em repartir seu “saber” com o aluno. Este, por sua vez, não precisa ter nenhuma atitude proativa; deve apenas dispor de boa vontade para se preencher com o conhecimento que está sendo disponibilizado. O processo de aprendizado é essencialmente passivo. Na verdade, o aprendizado não chega a se constituir

Revista HCPA. 2011;31(4):521-522

¹Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Contato: alexandredocanto@yahoo.com.br
Porto Alegre, RS, Brasil

em um processo: é apenas o reverso da medalha do processo de ensino. Este sim é essencialmente ativo, e conduzido pelo professor.

É inegável que este modelo está enraizado em nosso imaginário; a tal ponto que, para muitas pessoas, a menção da palavra “ensino” automaticamente evoca todo o processo recém- descrito. Nesse tipo de modelo ensino/ aprendizagem, existe uma relação de poder implícita, como bem identificado por Tardif (1). Na medida em que apenas um dos polos da relação (o professor) detém o “prêmio”, que é o objetivo final de ambos (o conhecimento), esse polo necessariamente tem poder sobre o outro. Ele é detentor único de algo altamente valorizado, que pode compartilhar ou não conforme sua vontade, e essa é a fonte de seu poder. O outro polo da relação (o aluno) se fragiliza na medida em que depende do “mestre” para atingir seu intento.

Destacando o papel de coautor que o professor deve ter no processo de ensino, ao lado do próprio estudante, Gauthier nos diz que o ensino é “a mobilização de vários saberes que formam uma espécie de reservatório no qual o professor se abastece para responder a exigências específicas de sua situação concreta de ensino” (2).

De forma semelhante, na relação médico-paciente também pode estar implícita uma relação de poder. Isso porque o médico é detentor de um conhecimento técnico que o paciente não tem e que é necessário (embora não suficiente) para que ambos atinjam seu objetivo final (promoção e manutenção da saúde). O modelo é o mesmo: apenas um dos dois polos da relação detém algo do qual depende o “sucesso” de ambos.

Aqui ainda há um agravante: o paciente, pela condição de sua doença, encontra-se muitas vezes emocionalmente fragilizado, o que o torna ainda mais dependente da palavra do médico. Essa peculiaridade não é vista na relação professor-aluno, o que a torna uma marca única do relacionamento do médico com o seu paciente.

Onipotência

Um traço interessante do processo docente deriva diretamente da relação de poder discutida acima: a questão da onipotência. O professor é onipotente? Conceitualmente não. Mas o professor pode se tornar onipotente se não tomar cuidado, e isso torna perigosa sua posição.

De onde vem o sentimento de onipotência? Exatamente da detenção do conhecimento. Aquele que possui o saber supervaloriza a sua própria importância na relação. No caso específico do professor, ele pode eventualmente confundir-se com o próprio objetivo que os estudantes devem alcançar. Nas palavras de Paulo Freire, “o professor não é o ponto final do desenvolvimento que os estudantes devem alcançar. Os estudantes não são uma frota de barcos tentando alcançar o professor que já terminou e os espera na praia. O professor também é um dos barcos da frota” (3).

Será que nós, médicos, não procedemos da mesma forma com nossos pacientes? Será que muitas vezes não esperamos deles obediência cega às nossas palavras? Com certeza há ocasiões em que tendemos a pensar que nós, por sermos detentores do saber técnico, devemos ser cegamente obedecidos por nossos pacientes e por seus familiares. Isso quando não nos confundimos, nós próprios, com o objetivo do tratamento.

Conclusão

Procurei, com estes apontamentos, ressaltar alguns aspectos que mostram a semelhança entre a relação professor-aluno e a relação médico-paciente. O tema, naturalmente, não se esgota nestas observações. Acima de tudo, o fundamental é notar o fundo comum entre o elo professor-estudante e o elo médico-paciente: em ambos os casos, estamos falando de relações entre seres humanos. Colocadas de lado as peculiaridades de cada caso, esse substrato é que aproxima as duas situações e as faz terem tantos pontos de contato. Os dois tipos de relacionamento se aproximam exatamente naquilo que as relações humanas têm de universal.

Referências

1. Tardif M, Lessard C. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 2ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 2005.
2. Gauthier C et al. Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Coleção Fronteiras da Educação. Ijuí (RS): Ed. UNIJUÍ; 1998.
3. Freire P, Shor I. Medo e ousadia – O cotidiano do professor. 5ª ed. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra; 1986.

Recebido: 22/09/2011

Aceito: 23/12/2011